

Friedrich Dürrenmatt – A Promessa e A Pane

Gabriel F. Pautz Munsberg¹

Friedrich Dürrenmatt (1921-1990) consolidou-se como um dos nomes mais célebres da dramaturgia suíça com obras como “*Der Besuch der alten Dame*” (1956) e “*Die Physiker*” (1962). Nestas duas peças, por exemplo, é possível perceber a condição turva que o conceito de culpa possui aos olhos do dramaturgo. A representação deste e de outros conceitos como a inocência, responsabilidade, arrependimento, justiça e liberdade, assim como suas relações, não é mais vista em termos absolutos nas obras do suíço, sendo agora permeadas pela comédia. Apenas com a comédia é possível dar forma concreta e concisa ao trágico, “configurar aquilo que é caótico”, como escreve o autor em seu *Theaterprobleme*, em 1955.

O tragicômico permeia também os textos em prosa de Dürrenmatt. As diluições das relações de poder podem ser vistas nas obras *Die Panne* (1956) e *Das Versprechen* (1958), escritas entre suas duas peças teatrais mais conhecidas. Ainda que não inéditas em língua portuguesa (*A pane* já havia sido publicada no Brasil em 1964 com tradução de Stella Altenbernd pela Editora Globo e *A promessa* em 1961 com tradução de Mário da Silva pela editora Civilização Brasileira), ambos os textos foram reunidos em 2018 pela TAG, com traduções de Marcelo Rondinelli e Petê Rissatti, respectivamente.²

Em *A promessa* o leitor depara-se com as estruturas de um romance policial; o subtítulo do romance – Réquiem para um romance policial – também induz para a leitura desse gênero literário. A narrativa inicia-se com o escritor comentando sobre uma palestra pouco bem sucedida sobre a arte de escrever romances policiais realizada por ele em Chur e em seu encontro com um ex-comandante de polícia, doutor H., o qual lhe oferece carona de volta a Zurique em seu carro na manhã seguinte. Durante parte do trajeto, doutor H. narra ao escritor uma história sobre o assassinato de uma criança atendido por um de seus antigos comissários, Matthäi.

¹ Doutorando em Estudos da Literatura, Teoria Crítica e Comparatismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. gabriel_munsberg@yahoo.de.

² TAG – Experiências literárias é um clube de assinatura de livros. Os assinantes recebem mensalmente um novo livro, de acordo com sua modalidade. Na modalidade TAG Curadoria um escritor sugere obras, de forma que o livro escolhido recebe nova publicação pela Editora Estação Liberdade. Para a edição de agosto de 2018, Cristóvão Tezza foi o curador de *A promessa* e *A pane*.

Poucos dias antes de ser transferido para a Jordânia, Matthäi desloca-se ao cantão de Mägendorf para investigar o assassinato e depara-se com a população que deseja fazer justiça com as próprias mãos. Um caixeiro-viajante chamado Von Gunten havia encontrado o corpo da pequena Gritli Moser no bosque e as suspeitas recaem sobre ele, visto que já constava em sua ficha criminal um caso de delito sexual contra uma garota de catorze anos. Levado à delegacia, Von Gunten comete suicídio ao não conseguir convencer sua inocência aos policiais que o interrogam. No dia de sua viagem para a Jordânia, Matthäi vê um grupo de crianças no aeroporto e, convencido de que o caixeiro-viajante fosse inocente, resolve retornar a Mägendorf para investigar o real assassino de Gritli. A promessa feita aos pais da menina assassina torna-se a meta de sua vida, fazendo com que o ex-comissário aja, por vezes, de forma antiética em sua investigação autônoma em busca do assassino da menina.

É neste cenário que Dürrenmatt satiriza o romance policial sem desmontá-lo ou menosprezá-lo de fato. Logo no início de sua narração, doutor H. sinaliza ao escritor a existência do acaso na vida real, o que é facilmente minimizado nos livros por seus autores: “É óbvio que nós, da polícia, somos obrigados a proceder também logicamente, cientificamente [...]. A verdade é jogada aos lobos por vocês, escritores, em detrimento de regras dramáticas. Mandem essas regras para o inferno de uma vez” (p. 16). O ex-comandante aponta que a busca por culpados é constantemente colocada em xeque com interferências tão frequentes nas investigações, fazendo com que muitas vezes apenas a sorte possa satisfazer os policiais para um final feliz. Já nos livros, tais intromissões são artifícios utilizados pelos escritores para levar dicas ao investigador: “o acaso não tem vez, e, se algo parece acaso, é ao mesmo tempo destino e coincidência” (ibidem).

A ideia de que toda história precise de um final feliz é, portanto, culpa dos romancistas, sobretudo do gênero policial. Doutor H. conta ao escritor toda a história de Matthäi para que este encerre-a:

O senhor vai contar tudo de forma geral, como eu tentei contar, apenas de um jeito melhor, obviamente. Afinal, o senhor é um especialista, e apenas no fim o assassino será de fato revelado, a esperança se concretizará, a fé triunfará para que a história seja ainda aceitável ao mundo cristão (idem, p. 132).

A mistura entre a composição lógica ficcional e os acasos da realidade dispostos em *A promessa* fazem com que outros conceitos também sejam postos em dúvida, tais como loucura e ética. Estes mesmos conceitos também são discutidos na outra obra de Dürrenmatt, *A pane – uma história ainda possível*. A novela é dividida em duas partes: uma série de questionamentos acerca da produção de histórias por escritores e da máquina do entretenimento é posta ao leitor em suas breves páginas iniciais; na segunda parte, é narrada a história de Alfredo Traps, um caixeiro-viajante que sofre de uma pane automobilística e consegue abrigo para a noite na mansão de um excêntrico senhor, o qual logo se descobre tratar-se de um juiz aposentado.

Traps é convidado pelo anfitrião a participar de um jantar com seus convidados, no qual ele e seus convidados realizam um jogo onde cada um passa a noite interpretando suas antigas profissões: “senhor Zorn foi promotor público, e o senhor Kummer, advogado; então nós temos um tribunal” (idem, p. 167). Soma-se ao grupo um sujeito chamado Pilet, que mais tardiamente Traps descobre ter sido carrasco. O visitante aceita seu posto de réu neste tribunal e é indagado sobre sua vida pregressa, sendo manipulado facilmente pela acusação, ainda que Kummer tente intervir em sua defesa. Ao se deixar dominar pelos encadeamentos que a história vai tomando, sua imagem de si próprio também transforma-se.

Dois dos temas levantados por Dürrenmatt nesta obra são novamente os conceitos de acaso e culpa. De um lado, por viver em um mundo de infortúnios, o indivíduo não pode ser acusado como responsável pelas consequências de duas ações; por outro lado, há uma culpa pendente sobre aquele que as inicia porque pode existir uma intenção consciente por trás de tudo: “O réu – continuou [o promotor público] – duvida da própria culpa. Humano. Quem de nós é consciente, sabe de seus crimes e delitos secretos?” (p. 193).

A questão de justiça é abordada na obra em duas frentes: primeiramente, a história de Traps é narrada, analisada e interpretada de várias maneiras; na segunda forma, a própria culpa é removida do acontecimento real e é estetizada como um evento artístico, dotado de consciência no ato de sua construção. É nesta segunda via que a acusação segue, e Traps maravilha-se, pois enquanto seu crime é uma obra de arte, ele é um artista louvado pelos companheiros de mesa, e não apenas um caixeiro-viajante, como comenta o promotor:

Justificado, pois se trata de um perfeito, de um belo assassinato. Aqui o adorável autor do crime poderia ver um cinismo brejeiro, longe de mim isso. Seu ato pode ser chamado de “belo” sob dois aspectos, num sentido filosófico e num técnico-virtuoso: nosso grupo reunido à mesa, prezado Alfredo, abandonou o preconceito de ver no crime algo indecente, terrível, e ver na justiça, por outro lado, algo belo, ainda que esteja mais para terrivelmente belo. Não, na verdade nós reconhecemos até no crime a beleza como a pré-condição que torna a justiça possível (p. 195).

Traps acaba caindo na armadilha do tribunal e não consegue livrar-se sozinho, o que é confirmado pelo fim trágico do jantar. O leitor pode perguntar-se se a pane que o texto traz no título refere-se à pane automobilística ou à pane mental que Traps sofre quando em julgamento. Assim, Friedrich Dürrenmatt joga com a importância e veracidade das inúmeras narrativas possíveis, visto que elas são intercambiáveis, tendo valores e poderes conforme as contamos e, conseqüentemente, de como as interpretamos.

REFERÊNCIA

DÜRRENMATT, Friedrich. *A promessa / A pane*. Traduções de Petê Rissatti e Marcelo Rondinelli. São Paulo: Estação Liberdade, 2018. 224p.